

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 19, n. 1

BATALHA DA RUA 015: um estudo sobre a Comunicação Urbana e representatividade feminina

Thifaní POSTALI¹
Rebeca Luisa Vieira TENÓRIO²

Resumo

A partir da participação e representação das mulheres na Batalha da Rua 015, evento de rima realizado na cidade de Sorocaba–SP, através de uma pesquisa bibliográfica e etnografia urbana, analisaram-se quatro edições do evento, chegando ao resultado de que a participação de mulheres ainda é significativamente baixa. No que se refere à representação das mulheres nos discursos gerais, os dados revelam que a mulher é, geralmente, indicada no papel de mãe, especialmente nos discursos masculinos. Assim, mesmo sendo as batalhas de rimas locais de expressão dos grupos marginalizados, considera-se que também são locais que reproduzem a ordem patriarcal, pois as mulheres continuam sendo poucas como participantes, e quando surgem nos discursos, são reduzidas ao papel de mães.

Palavras-chave: Comunicação, Batalha de rima, Representatividade, Mulheres.

Resumen

El trabajo analiza la participación y representación de las mujeres en la Batalla de la Calle 015, un evento de rimas realizado en la ciudad de Sorocaba–SP. A través de una investigación bibliográfica y etnografía urbana, se analizaron cuatro ediciones, llegando a la conclusión de que la participación de las mujeres sigue siendo significativamente baja. En lo que respecta a la representación de las mujeres en los discursos generales, los datos revelan que la mujer es, en general, presentada en el papel de madre, especialmente en los discursos masculinos. Así, a pesar de que las batallas de rimas son espacios de expresión para grupos marginados, se considera que también son lugares que reproducen el orden patriarcal, ya que las mujeres continúan siendo escasas como participantes, y cuando aparecen en los discursos, son reducidas al papel de madres.

Palabras clave: Comunicación, Batalla de rimas, Representatividad, Mujeres.

¹ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSCar. Líder do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq-Uniso) e membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Folkcom). E-mail: thifanipostali@gmail.com

² Rebeca Luisa Vieira Tenório. Graduada no curso de Jornalismo da Universidade de Sorocaba e membro do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq-Uniso). E-mail: rvieiratenorio@gmail.com

Introdução

Segundo a pesquisa Datafolha, 50.962 mulheres sofreram violência diariamente em 2022, sendo que 65,6% dessas mulheres violentadas são negras, situação muitas vezes invisibilizada pela grande mídia (Menon, 2023). A falta de visibilidade midiática sobre o assunto não esclarece a população sobre as diferentes violências sofridas por mulheres de diferentes grupos e classes sociais. Sendo assim, grupos marginalizados encontram outras formas de se comunicar. Para Beltrão (1980), esses grupos procuram expor suas vivências através da Folkcomunicação, que se trata de um processo de produção e transmissão de informação, opinião e ideias ligadas aos grupos populares.

Compreende-se que as batalhas são locais em que grupos urbanos marginalizados compartilham suas experiências e cultura local. No caso das mulheres periféricas, por fazerem parte de um subgrupo que enfrenta ainda mais intolerâncias, por serem atravessadas pelos marcadores de raça, gênero, desigualdade e sexualidade, parte-se da hipótese de que os discursos delas são reveladores de outras experiências na cidade.

Importa mencionar que este artigo está vinculado ao projeto de Pesquisa “As experiências delas na cidade: práticas culturais e comunicações das mulheres periféricas e do Hip Hop de Sorocaba”, vinculado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da UFSCar. Sendo assim, o trabalho tem como objetivo geral analisar a presença e a participação das mulheres na Batalha da Rua 015, ocorrida na cidade de Sorocaba, São Paulo, a fim de identificar os principais temas abordados e que se referem às experiências delas na sociedade. Como objetivos específicos, buscou-se: (a) compreender as Batalhas de Rima como espaços de comunicação; (b) analisar de que forma é organizada a Batalha da Rua 015; (c) entender a produção de rima como ferramenta de comunicação e combate às múltiplas discriminações e violências sofridas por mulheres diversas da região de Sorocaba.

Como metodologia, o trabalho faz uso de levantamento bibliográfico, a partir de autores e autoras que abordam temas como cultura urbana (Alves, 2013; Herschmann, 2000. Postali, Nicoletti, 2023), comunicação popular (Beltrão, 1980), a mulher negra na sociedade (Ribeiro, 2021, Kilomba, 2019), entre outros autores que contribuem para a análise e interpretação dos dados. Para o levantamento dos dados acerca da Batalha da Rua 015, fez-se uso da metodologia de etnografia

urbana, a partir de Magnani (2016), com aplicação de técnicas como registro de fotos, audiovisual e anotações em diário de campo. A pesquisa etnográfica observacional ocorreu em quatro edições da batalha, no ano de 2024.

Como resultados, chega-se à identificação de que a participação de mulheres ainda é significativamente baixa, sendo, em média, duas para cada dezesseis Mestres de Cerimônia (MC's). No que se refere à representação das mulheres nos discursos gerais, os dados revelam que a mulher geralmente é indicada no papel de mãe, especialmente nos discursos masculinos. Não se chegou a comprovação da hipótese de que os discursos delas são reveladores de outras experiências na cidade, uma vez que não houve amostra suficiente de discursos de mulheres no período determinado para a coleta de dados. Assim, chega-se ao resultado de que, mesmo sendo as batalhas de rimas locais de expressão dos grupos marginalizados, considera-se que também são locais que reproduzem a ordem patriarcal dominante, pois elas continuam sendo poucas como participantes de batalhas de rima, e quando surgem nos discursos masculinos, são reduzidas ao papel de mães e protetoras. É possível identificar esse resultado em outras pesquisas acerca do tema e também comprovado no presente trabalho.

Fundamentação Teórica

Segundo Herschmann (2000), a década de 1990 foi um marco na produção e propagação de culturas periféricas, desenvolvidas, especialmente, nas capitais brasileiras. Nesse período, práticas culturais como o Funk e o Hip Hop invadiram a cena das periferias, expressando o “lugar do pobre”, com abordagem de questões sociais que frequentemente eram (e ainda são) invisibilizadas pela mídia dominante. O autor ressalta que no mesmo período, jovens relacionados a essas artes foram estigmatizados ao serem associados à violência urbana, num processo realizado pela mídia dominante, e conseqüentemente, sustentado pela opinião pública. Entretanto, essas práticas resistiram e passaram a expressar o “avesso” das principais cidades e mesmo do país (Herschmann, 2000).

Com relação à invisibilidade e abordagem estigmatizada sobre a população periférica, Magnani (2016, p. 14) chama a atenção para o fato de que até mesmo as diversas pesquisas realizadas acerca das cidades as apresentam como “[...] uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas

transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro [...]”. Segundo o autor, essa abordagem é generalista e desprovida de ações, atividades, pontos de encontro e redes de sociabilidade, como se não houvesse o elemento que de forma definitiva dá vida ao espaço urbano: as pessoas moradoras da cidade que possuem experiências diversas. Magnani (2016) ainda ressalta que quando as pessoas comuns aparecem, geralmente são apresentadas de maneira passiva, tratadas como “excluídas, as espoliadas”, como se estivessem descoladas do processo urbano.

Na contramão, e sob o prisma da teoria da Folkcomunicação, Luiz Beltrão (1980) apresenta que entre as pessoas comuns, existem as líderes-comunicadoras que são produtoras de comunicações fundamentais para a compreensão da sociedade em que estão inseridas e usam diversas formas artísticas e midiáticas para expressar suas experiências na cidade.

Após 1990, as práticas culturais urbanas periféricas – especialmente as que envolvem ritmo e poesia, foco deste trabalho –, se organizaram, expandiram e ocuparam outros espaços de cidades de todo o mundo. Além disso, inúmeras pesquisas foram realizadas ou estão em andamento em diferentes países. De acordo com Daniela Vieira e Jaqueline Lima Santos (2023), os impactos do fenômeno Hip Hop em parte do mundo tornaram-se matéria para pesquisas diversas, constituindo o chamado *Hip Hop Studies* (HHS), que abrange, especialmente, as produções iniciadas a partir dos anos 2000. Nesse cenário, surgem inúmeras instituições acadêmicas, revistas, eventos, acervos de museus e projetos dedicados ao Hip Hop³.

O movimento Hip Hop é entendido como uma manifestação cultural que envolve diferentes elementos artísticos, sendo os principais as atividades de DJ, Grafite, Rap (MC's) e *Breaking*. Ligado à organização não governamental *Universal Zulu Nation*, fundada por Afrika Bambaataa na década de 1970, no bairro do *Bronx* (Nova Iorque), o Hip Hop tem como lema “Paz, Amor, União e Diversão”, incluindo, além do encontro de pessoas envolvidas com produções artísticas, eventos para a

³ Vieira e Santos (2023) destacam os seguintes espaços como referência: Hiphop Archive & Research Institute (Universidade de Harvard), Hip-Hop Collection (Universidade Cornell), Hiphop Literacies Annual Conference (Universidade Estadual de Ohio – OSU), Tupac Shakur Collection (biblioteca do Centro Universitário Atlanta – AUC), CIPHER: Hip-Hop Interpellation – Conselho Internacional para os estudos de Hip-Hop (Universidade College Cork – UCC), entre outros.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v 19, n. 1 (2025). ISSN: 1517-7602

promoção da arte local e palestras sobre diversos temas dirigidos à transformação dos territórios periféricos.

Bambaataa ressalta que o movimento foi criado com o objetivo de afastar os jovens da “negatividade” que estava afligindo as ruas das periferias de Nova Iorque, tais como “[...] violência de gangues, drogas, auto ódio, violência [...]” entre os indivíduos de ascendência africana e latina (Universal Zulu Nation, 2004). Assim, um ponto essencial da cultura Hip Hop é a inclusão do 5º elemento: o conhecimento. Pelo motivo de o movimento passar a ser apropriado também por jovens que não estavam agindo de acordo com a filosofia do Hip Hop - propagando por meio de seus elementos apologia à criminalidade – o 5º elemento sugere um fazer com intenção de transformação social à luz dos princípios do movimento. É por esse motivo que o conteúdo produzido pelas pessoas participantes carregará, com mais ou menos intensidade, as situações específicas de suas localizações geográficas e sociais. Como reforça Alves,

Com ritmo e sentimento, a expressão literária das ruas aponta para novas reflexões acerca da produção de uma rima que narra um ambiente; marginalizado ou não, um ambiente produtor de identidade e memória, cuja potência artística abre caminhos para novas formas de leitura da cidade e dos cidadãos (Alves, 2013, p. 71).

Essa breve apresentação sobre a manifestação cultural intenciona situar o recorte temático proposto neste trabalho: a comunicação feminina presente na Batalha da Rua 015. É importante salientar que o Hip Hop é entendido como uma ferramenta de comunicação específica de pessoas periféricas. Considerando esse aspecto, os elementos que abrangem ritmo e poesia serão centrais no estudo. Não se desconsideram os demais elementos que são tão importantes quanto a rima, todavia, este recorte terá foco nas pessoas que se expressam por meio da linguagem verbal, especialmente a palavra falada. A justificativa para esse recorte tem como base as colocações de Frantz Fanon (2020) para quem o ato de falar é, sobretudo, assumir uma cultura e suportar o peso de uma determinada civilização. Sobre a linguagem, Grada Kilomba (2019, p. 14) observa que “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”.

Com relação a língua portuguesa, Kilomba (2019, p. 14) chama a atenção

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v 19, n. 1 (2025). ISSN: 1517-7602

para o fato de que o vocabulário continua ancorado “[...] a um discurso colonial e patriarcal, tornando-se extremamente problemático”. Por esse motivo, ao se referir aos povos colonizados, a autora ressalta que narrar a própria realidade é um ato político, é tornar-se uma pessoa opositora absoluta do projeto colonial que determinou a identidade dos colonizados a partir de marcadores de inferiorização e objetificação.

Portanto, a proposta deste trabalho é levantar os discursos e as múltiplas experiências das mulheres presentes na Batalha da Rua 015. Sabe-se que ao longo da história do movimento, as hip-hoppers foram pouco acolhidas e promovidas, uma vez que a prática cultural, não diferente de outras produções, tornou-se uma indústria majoritariamente masculina e, portanto, permeada pela cultura patriarcal.

No movimento Hip Hop brasileiro, a situação do machismo, ou como coloca Akotirene (2019), do cis-heteropatriarcado, começa a melhorar a partir de 2010, quando rappers, incluindo o pioneiro grupo Racionais MC's e compositores mais recentes como Criolo, passaram a se retratar com relação às mulheres em letras musicais e posturas frente a mídia e eventos em geral. Nesse período, também surgem os coletivos de mulheres hip-hoppers que se organizaram por meio da internet, ferramenta que facilitou as conexões permitindo também o armazenamento de suas produções e suas publicizações (Autor 1).

Por outro lado, quando o recorte passa para os eventos de Batalha de Rima, a pesquisa de Alves (2013) aponta que as falas machistas são comuns nesses eventos e que a participação das mulheres é praticamente restrita à plateia⁴. Do mesmo modo, trabalhos mais recentes (Cura, 2019; Autor 1) apresentam como o machismo ainda é presente no Brasil e como os discursos das mulheres são reveladores da dinâmica sociocultural de cada região, a partir de recortes frequentemente silenciados por outras narrativas midiáticas e agentes de comunicação.

Parte-se do pressuposto de que essas mulheres desempenham o papel de líderes-comunicadoras folk (Beltrão, 1980). Já em 1980, Beltrão chamava a atenção para o fato de que a comunicação é um problema urgente da sociedade contemporânea composta por grupos variados que vivem separadamente devido à

⁴ “Raríssima é a presença feminina no palco. Taz Mureb, Samantha Muleca e Negra Rê são raridades que marcaram um lugar nesta cena diante de centenas de homens. Em mais de um ano de observação constante e atenta da cena poética nas ruas, só vi mulheres rimando em dois ou três encontros” (Alves, 2013, p. 119).

heterogeneidade da cultura, às diferenças étnicas e à própria distância social, incluindo a questão de gênero. Na concepção de Beltrão (1980), os meios de comunicação lançados pela ciência e pela tecnologia esbarram na realidade social contemporânea da oposição entre grupos dominantes – compreendidos como a elite, que detêm o poder econômico e o controle cultural –, e grupos marginalizados – constituídos pela massa urbana ou rural, de baixa renda e excluída da cultura dominante. Dentro dos grupos urbanos e rurais marginalizados, Beltrão (1980) destaca que existem os grupos culturalmente marginalizados, que são compostos por pessoas que contestam as imposições e ordens dominantes e que buscam formas de resistir ao sistema que oprime seus grupos. Assim, suprimidas de participação ativa no processo comunicacional e sem poder decisório, as pessoas marginalizadas, por meio das lideranças comunicacionais, oferecem um novo sistema para intercambiar informações, elementos educativos, entretenimento e manutenção das melhorias materiais e espirituais de suas vidas.

Segundo Beltrão (1980), o povo atualiza, reinventa e reinterpreta seus modos de sentir, pensar e agir por meio da cultura popular, referência que caracteriza a resistência à moda e à pressão social. Esse sistema que vincula a comunicação e os elementos populares é denominado Folkcomunicação, definida por Beltrão (1980, p. 24) como “um conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

Assim, as produções das mulheres hip hoppers podem ser caracterizadas como comunicações populares fundamentais para a compreensão de suas experiências na cidade. Como coloca Joice Berth (2023, p. 13) “a configuração das cidades está permeada por símbolos que estimulam o individualismo e reafirmam a continuidade das supremacias e hierarquias sociais”. Por isso “é fundamental compreender a cidade também como espaço de consolidação de convicções, ideias, práticas e, ainda, da articulação das tecnologias de opressões e aprimoradas no decorrer do tempo” (2023, p. 21).

[...] a maneira com que homens e mulheres vivenciam as cidades é bem diferente. As mulheres habitantes da cidade partilham de experiências de ser um corpo estranho, indesejado, invadido e apto a ser cerceado ou limitado. A liberdade de ir e vir nos é permitida, mas não com integridade e a segurança com que os homens podem desfrutar. A começar pelos trajetos que raramente são escolhidos por nós, mas impostos pelas condições de violên-

cia urbana que caracterizam as idades (Berth, 2023, p. 157- 158).

A autora chama a atenção para o fato de que as experiências das mulheres negras e periféricas são bastante diferentes das mulheres brancas não periféricas. Nos espaços urbanos, mulheres negras sofrem ainda com as ferramentas do racismo, aumentando a intensidade dos abusos e opressões.

[...] O corpo da mulher negra transita entre os espaços físicos com certa permissão, pois subentende-se que sua função é servir de alguma forma. Isso explica porque mulheres negras aparecem em maior número nos indicadores de assédios sexuais e estupros, inclusive com o componente etarista: meninas negras são vistas como adultas muito mais cedo do que as meninas brancas e sofrem as mesmas violências que mulheres negras adultas. [...]. As mulheres que não se enquadram em alguma medida no padrão de performance de feminilidade estão sujeitas a experiências de violência, em ambiente público e privado, embora isso seja pouco abordado pelos meios de comunicação hegemônicos (Berth, 2023,187-188).

Portanto, compreender as experiências das mulheres periféricas na cidade, por meio de suas práticas culturais, é ampliar as lentes para a compreensão de uma cidade invisibilizada pelos poderes dominantes. O uso da comunicação popular tornou-se uma ferramenta potente para comunicar as experiências diversas na urbe, especialmente de grupos que vivem opressões ainda mais intensificadas, como é o caso de mulheres, mulheres negras, pessoas LGBTQIAPN+, PCD's, entre outros. Nesse contexto, as Batalhas de rima, iniciadas nos anos 2000, cada vez mais ganham espaços como locais do discurso periférico e da resistência à ordem dominante.

As Batalhas de Rima

De acordo com Cura (2019), as batalhas de rima são eventos organizados por pessoas jovens periféricas que se enfrentam por meio da rima criada no mesmo momento. A batalha de Rap, também conhecida como Rap *freestyle*, acontece quando dois MC's se enfrentam por meio de rimas improvisadas, com tempo entre 30 e 40 segundos. Os eventos envolvem outros participantes, tais como o (a) apresentador (a), que é a pessoa que anima o público e conduz a batalha, e o (a) DJ, que é responsável pela condução da base musical. Após o enfrentamento dos (as) participantes, vence quem tiver a maior quantidade de votos do público.

Geralmente, as batalhas possuem dois mestres de cerimônias (MC's), cada

um alternando entre *rounds* de 30 a 45 segundos, tempo em que apresentam seu improviso sobre uma batida de DJ ou de um *beatbox*⁵ realizado no momento. Por intermédio de um apresentador, o júri e/ou o público decide o vencedor da batalha após o término das apresentações, que podem perdurar mais que os usuais dois *rounds*, através do barulho produzido pela plateia, ou seja, o som mais alto irá determinar o ganhador.

Há dois tipos de batalha, sendo a batalha de sangue e a batalha do conhecimento. Na batalha de sangue os (as) MC's atacam diretamente seus adversários sendo permitido o chamado esculacho, ou seja, menção a características físicas e marcadores sociais, podendo conter, muitas vezes, conteúdo com teor racista, xenofóbico, machista e LGBTQfóbico, como aponta Cura (2019). Esse tipo de batalha alcança maior prestígio e visibilidade devido ao seu caráter apelativo. Já a batalha do conhecimento, idealizada por MC Marechal, surgiu no Brasil com a proposta de trocar o esculacho pela reflexão de seus participantes. Nela, os (as) MC's devem formar suas rimas a partir de um tema previamente escolhido - através de uma imagem, um filme, ou algum outro conteúdo que possibilite a troca de ideias, e através da batalha, promover um debate sobre o assunto levantado, exigindo que a pessoa demonstre conhecimento sobre o tema (Alves, 2013). Portanto, a batalha do conhecimento está atrelada ao 5º elemento do Hip Hop, o "conhecimento", que é o contraponto do rap compreendido apenas como entretenimento e mercadoria.

Nesse cenário, as batalhas de rima são organizadas, principalmente, pelos grupos urbanos culturalmente marginalizados que buscam oferecer um espaço para ampliar as vozes das pessoas que vem sendo, historicamente, silenciadas. Outro ponto que merece destaque é que por ser uma manifestação que prioriza o discurso de resistência frente a sociedade segregada, os eventos tornaram-se exclusivos em cada lugar e refletem as experiências também localizadas, sejam socialmente e/ou geograficamente.

Métodos e Técnicas

Para a pesquisa acerca da Batalha da Rua 015, foco deste trabalho, utilizou-se como metodologia a etnografia urbana. Ao se referir à pesquisa etnográfica na

⁵ *Beatbox* é um tipo de batida musical orgânica; feita com a boca. Ela serve como base para a fluência da música, ditando o ritmo do rap (Campos, 2020).

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v 19, n. 1 (2025). ISSN: 1517-7602

cidade, Magnani (2016) esclarece que os atores sociais apresentam uma gama de práticas que não são visíveis. Neste sentido, a etnografia urbana contribui para revelar outros ethos na dinâmica da cidade, que estão para além do olhar dominante que decide o que é certo e errado. Segundo o autor, sua estratégia é “capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos”. (Magnani, 2016, p. 17) O método de perto e de dentro permite observar os atores sociais a partir de seus comportamentos, ou seja, “das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas” (Magnani, 2016, p. 18).

Assim, o trabalho utilizou da antropologia urbana, com foco em observação, considerando o método ‘*de perto e de dentro*’ proposto por Magnani (2016). Analisaram-se no ano de 2024 quatro edições da Batalha da Rua 015, totalizando 10 batalhas. A pesquisa de campo ocorreu nos dias 28 de fevereiro, 06 de março, 19 de junho e 07 de agosto de 2024. Como técnicas, foram coletadas imagens estáticas e audiovisuais por meio de aparelho celular. Também foi utilizado um diário de campo para registro de informações e outras observações não captadas pelo aparelho. Sabe-se que a pesquisa de campo depende de fatores externos que podem implicar no processo do trabalho. Os eventos de ritmo e poesia geralmente são realizados em espaços públicos ou privados e podem ser cancelados ou afetados por diversos acontecimentos. No caso desta pesquisa, a batalha do dia 28 de fevereiro foi interrompida pela polícia e fiscalização em seu início e no dia 07 de agosto não houve por falta de participantes suficiente para fechamento de chaves. A seguir, serão detalhados os dados coletados.

Resultados e Discussão

Toda Batalha de rima inicia com um grito de guerra próprio. Um dos gritos da Batalha da Rua 15 diz

Você só tem duas opções:
 você vai poder escolher
 morrer ou vai matar?
 Vai matar o morrer!
 Você tem duas opções:

morrer ou matar?
Vai matar ou morrer!
oh oh oh oh oh oh oh

O grito apresenta que a Batalha da Rua 015 é uma batalha de sangue, o que, segundo Alves (2013), permite a humilhação do oponente, podendo incluir menção a traços físicos, marcadores sociais entre outros. A relação entre os (as) MC's, apesar do duelo e de frases que possam ser consideradas ofensivas, ocorre em um clima amistoso e de respeito entre os participantes, que se cumprimentam e abraçam ao final de cada batalha.

O evento ocorre perto de um terminal de ônibus localizado no bairro do Ipiranga, zona Oeste de Sorocaba, São Paulo, o que facilita a participação de jovens oriundos de diversos bairros da cidade. Diferentemente das inúmeras batalhas realizadas em espaços públicos, a batalha analisada ocorre em uma adega de bebidas bastante simples. Observou-se que a bebida mais vendida durante as batalhas é o chamado “copão”, mistura de alguma bebida alcoólica com energético em um copo, de pelo menos, 500 ml. As opções de alimentos são poucas, resumidas em produtos industrializados tais como salgadinhos torcida, bombom sonho de valsa e refrigerantes.

Imagem 1: Batalha da Rua 015



Fonte: Elaboração própria.

É comum que batalhas entreguem algum prêmio ao vencedor. Na Batalha da

Rua 015, a adega contribui com o valor de R\$ 50,00 e o apresentador da batalha pede a contribuição do público para a soma de R\$ 100,00, ao passar um boné representando o chamado popularmente “chapéu do artista”. A seleção dos (as) MC’s é realizada por meio de sorteios e existem vagas exclusivas para a participação de mulheres e LGBTQIAPN+.

Das quatro visitas realizadas para a pesquisa de campo, observou-se que as duas primeiras edições fizeram parte do campeonato do ano de 2024, tendo como prêmio final uma *Smart TV*. Constatou-se que o prêmio motivou a participação de inúmeros jovens, uma vez que as duas últimas visitas realizadas após o campeonato não tiveram jovens suficientes para batalhar.

Na primeira pesquisa de campo, realizada no dia 28 de fevereiro, a primeira batalha ocorreu entre uma mulher e um homem. Porém, em menos de cinco minutos, o evento foi interrompido por Guardas Municipais acompanhados de fiscalização da prefeitura. Deduz-se que o evento encerrou por motivo de perturbação da lei do silêncio (Lei Ordinária 11.367/2016 de Sorocaba SP), uma vez que a batalha iniciou às 22 h e em local privado. A adega estava lotada com, aproximadamente, 70 pessoas – o incluindo público interno e externo. A demora para o início do evento se deu pelo fato de que muitos participantes se deslocaram de bairros distantes e periféricos da cidade. Segundo relato ouvido em conversa paralela, alguns participantes levam até duas horas para chegar de transporte público.

Cabe ressaltar que as edições ocorrem às quartas-feiras e que muitos de seus participantes são pessoas que trabalham em horário comercial, ou seja, se estão localizadas em locais distantes do bairro Ipiranga, a locomoção se torna um obstáculo significativo para a participação. Após a interrupção da Guarda Municipal, muitas pessoas se mostraram descontentes e irritadas com a situação.

A segunda pesquisa de campo, realizada no dia 06 de março, ocorreu na final da competição anual. A plateia estava animada com a edição que decidiria quem levaria o título de Rei da Rua 015. Segundo dados coletados da página da Batalha da Rua 015 no Instagram, essa competição oferece o título de Rei da Rua 015 por um ano, até a definição do próximo vencedor na batalha do ano seguinte.

Com relação a gênero, tanto participantes quanto público são majoritariamente masculinos. Nesta noite específica, houve uma competidora na

batalha, uma adolescente de treze anos acompanhada de sua mãe. Suas rimas foram voltadas para temáticas como cotidiano escolar, memes e outros assuntos próprios de sua idade e experiência. Seu adversário foi um adolescente de 15 anos. A batalha dos dois oponentes foi bem recebida pelo público que vibrou a cada rima, o que demonstrou respeito aos adolescentes por parte do público e participantes. Cabe ressaltar que eles foram exceção na batalha, que geralmente tem como participantes jovens maiores de idade (de 18 a 25 anos).

Na terceira pesquisa de campo, realizada no dia 19 de junho, a temperatura estava baixa e a batalha não ocorreu. Observamos pouco público e número insuficiente de participantes, o que levou os organizadores a cancelarem o evento. Nesse dia, a maioria das pessoas presentes eram homens.

Na quarta visita, realizada no dia 07 de agosto, haviam, no máximo, 10 pessoas presentes e o comércio ao redor da adega estava fechado. Os organizadores estavam no local, mas com movimentação incomum. Os aparelhos de som e os organizadores se encontravam na barbearia ao lado da adega. Deduz-se que, por algum motivo não identificado, a batalha foi cancelada.

Assim, por motivo de cancelamento de dois eventos, recorreu-se a informações adicionais adquiridas na página da Batalhas da Rua 015 do Instagram para identificar a participação de mais mulheres em outras edições. Observou-se nas postagens que a baixa presença de mulheres é recorrente, sendo o número médio de uma para cada dez homens, o que foi possível também de observar na pesquisa de campo.

Ao separar os temas a partir dos áudios coletados nas 10 batalhas gravadas, foi possível identificar que os assuntos mais presentes são: (a) menção às mães dos MC's como agradecimento e respeito (40% do conteúdo), (b) região de cada MC que fala com orgulho de seu local – situação comum no movimento Hip Hop (40%), (c) citação de religiões cristã e de matriz africana (20% do conteúdo) e (d) frases com conteúdos homofóbicos (10%). Outros assuntos apareceram, mas sem relevância para este trabalho.

Como resultados, chegou-se à identificação de que a participação de mulheres ainda é significativamente baixa, e no que se refere à representação das mulheres nos discursos gerais, os dados apresentam que a mulher é geralmente indicada no papel de mãe, especialmente nos discursos masculinos. A participação

da adolescente de 13 anos não foi suficiente para a coleta de informações que revelam as experiências das mulheres na cidade. A mulher que apareceu na primeira edição e que foi interrompida, não voltou, pelo menos como participante da batalha, nas edições seguintes.

No que se refere a participação das mulheres na plateia, observou-se que, geralmente, são jovens acompanhantes de MC's e outras que frequentam eventos de batalhas. Entretanto, essas jovens não ocupam significativamente a roda que participa como ouvinte e jurada das batalhas, ficando, geralmente, do lado de fora da adegas. Também se observou adolescentes menores de idade, provavelmente moradoras do bairro Ipiranga, consumindo bebida alcoólica.

Outros resultados apontam para um local que preza, em alguma medida, pelo respeito entre as pessoas. Apesar de a Batalha da Rua 015 ser considerada uma batalha de sangue, é possível observar que seus organizadores e participantes buscam limites e respeito entre os (as) participantes. Outras situações não relacionadas diretamente com a batalha também apontam para o ambiente de respeito e coletividade que se busca alcançar. O apresentador mencionava as ações sociais que ocorreriam no bairro nas próximas semanas, além de interromper a batalha para que uma vendedora ambulante, que mencionou ser autista e esquizofrênica, pudesse cantar e falar sobre seus problemas e a necessidade de vender os salgados para ajudar a irmã. Parte da plateia riu enquanto a mulher falava, mas o apresentador chamou a atenção do público seriamente, dizendo que ali é um espaço livre para manifestação e divulgação da comunidade.

Considerações

A Batalha da Rua 015 é um espaço de lazer de jovens periféricos (as) que buscam, através da rima, expressar assuntos que atravessam seus cotidianos. Ao mencionarem com frequência a importância da família, a importância do trabalho e do “correr” para obter dinheiro, a menção positiva sobre a fé, o orgulho de pertencer aos seus territórios marginalizados, esses (as) jovens comunicam, por meio da oralidade e da improvisação, suas experiências e memórias e tradições. Tratam-se de comunicações - e também situações adversas que ocorrem nesses espaços - que desvelam o ethos desses (as) jovens em meio a cidade que segrega seus grupos. Os discursos têm ligações com os cenários locais, com as expectativas,

experiências e práticas de pessoas comuns. Assim, os (as) jovens trazem ao debate experiências que não são visíveis em muitas esferas sociais, como coloca Magnani (2016), fazendo do evento uma arena de encontro e comunicação de diferentes grupos marginalizados da cidade de Sorocaba.

Embora esses (as) jovens não possam, em um primeiro momento, serem considerados (as) líderes-comunicadores (as) folk, uma vez que não é possível detectar com profundidade suas influências sobre as opiniões do público e prestígio em suas comunidades, o fato de trocarem informações a respeito de seus cotidianos provoca o intercâmbio de informações, fazendo do evento batalha de rima um local semelhante a uma arena para a comunicação, especialmente, interpessoal. Trata-se da Folkcomunicação Urbana, que se releva pela oralidade, artesanidade e horizontalidade de práticas culturais específicas dos grupos urbanos marginalizados. Assim, a comunicação popular ocorre por meio da rima que se faz na improvisação de jovens que buscam, na arte, uma forma de expressão.

De acordo com os dados levantados nesta pesquisa, pode-se observar que mesmo havendo a participação de duas MC's, sendo mulheres negras e periféricas, a batalha ainda não possui uma abertura significativa para maior participação de mulheres nas competições. Os próprios títulos especiais das Batalhas apresentam que ali é um local majoritariamente masculino, pois se referem ao "Rei da Rua 015", sem a possibilidade de ter uma "Rainha da Rua 015". Ainda que haja bastante menção às mulheres nos discursos gerais, esses discursos reduzem às mulheres ao papel de mãe, algo comum à cultura patriarcal.

Assim, mesmo sendo as batalhas de rimas locais de expressão dos grupos marginalizados, considera-se que também são locais que reproduzem a ordem patriarcal, pois as mulheres continuam sendo poucas como participantes, e quando surgem nos discursos, são reduzidas ao papel de mães. Nesse sentido, a Batalha da Rua 015, ainda que busque dispositivo para a inclusão de mulheres e outras minorias – como a cota para o evento do dia –, são locais que também refletem o cotidiano das mulheres na cidade, no que se refere aos espaços e papéis que podem, de fato, ocupar.

Referências

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo; Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v 19, n. 1 (2025). ISSN: 1517-7602

ALVES, Rôssi. **Rio de Rimas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CURA, Tayane Fernandes. Tramas do rap: um olhar sobre o movimento das rodas culturais e a questão de gênero nas batalhas de rima e slams de poesia do Rio Janeiro. 40º **Intercom**. Curitiba, PR 04 a 09/09/2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0451-1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: UBU, 2020.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAGNANI, J. G. C. São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade. **Ponto Urbe**, n. 18, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3116?lang=es>. Acesso em: mai. 2024.

MENON, Isabela. Todo tipo de violência contra a mulher cresceu em 2022. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/todas-as-formas-de-violencia-contra-mulher-aumentam-em-2022-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2024.

POSTALI, T.; NICOLETTI, A. P.. Batalha Beco das Mina: representatividade no Circuito do Hip Hop de Sorocaba. **Razón y Palabra**, v. 27, n. 116), p. 260–274, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26807/rp.v27i116.2019>

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017

UNIVERSAL ZULU NATION. **Afrika Bambaataa Press**. 2004. Disponível em: <https://www.zulunation.com/afrika-bambaataa/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima. **Racionais MC'S entre o gatilho e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023.